

## Luzia

### *Modos de Usar*

Se o leitor pegar Luzia nas mãos, em seu colo, aberta e em pé (não de cabeça para baixo), encontrará estas diferentes formas de manusear Luzia:

Nas páginas à esquerda da alma (o fio que dá a liga necessária para unir as folhas) do livro - e do coração do leitor – está contada em *conto* a história da pequena Luzia. A esquerda corresponde às páginas ímpares.

À direita da alma do livro (corresponde às páginas pares), encontram-se as páginas dedicadas ao conhecimento científico; onde procuro construir pontes com a realidade literal do mundo acadêmico.

É possível ler Luzia em litoral. Pelas bordas, o leitor pode estar lendo a lenda, quando se depara com um número que se refere à palavra fantasiada. Há quem goste de pausar as imagens em ação para compreendê-las em língua de cientista.

Há, também, quem possa gostar de mergulhar profundo no *fantástico mundo de Luzia*, para mais tardar das letras, chegar na última página... E começar tudo de novo, pelo lado direito!

Esta regra de esquerda-direita vale para todo texto, *exceto* para as notas largas, que ultrapassam o tamanho de uma página – nestes casos específicos, a nota irá usar tanto o lado direito, como o lado esquerdo do livreto. O leitor mais chegado nas palavras metafóricas terá de fazer um salto na leitura, evitando as notas. No início da grande nota, especificarei o número de páginas que

deverás saltar para voltar à fantasia. Quando não há referência de notas na página, o texto também segue livremente pelas bambas asas de papel – sem saltar no par ou ímpar.

Está nas tuas mãos a escolha.

Tens a possibilidade tristonha de parar a leitura por aqui, também. Talvez estivesse procurando outra coisa, um artigo com gráficos percentuais, uma tese sobre os castelos da Transilvânia, um baralho de truco, uma receita de bolinho de chuva... Esperamos que fique! Luzia quer muito viver através de ti...



### *Prelúdio à primeira edição*

É particularmente estranho escrever sobre o (não) tempo, ouvindo os ponteiros do relógio de bolso e sentindo as cutucadas da orientadora Simone e do supervisor Pedro, representando os *cucos*; passarinhos cantantes, arautos da graduação. Eles me avisam que o tempo está terminando, terminou. O tempo da escritura, da literatura acadêmica, essa caldeira de palavras, que tanto saboreei antes de tatear. Como quem carrega um filho por nove meses na barriga, carreguei minhas ideias, em historietas polivitelinadas, dentro da minha cabeça.

Em explosão, nasceu Luzia. Tecida em muitas bordas, o que tenho em minha responsabilidade contém, em sua estrutura, o cálcio dos ossos dos dinossauros, dos dentes cariados enterrados no deserto do Atacama<sup>1</sup>, e o mesmo cálcio das estrelas que nos originaram. Andei garimpando conhecimentos em solo úmido; foi preciso muito sal para fazer desse chão o deserto. E salgadas também são as marcas que nele ficaram. O caminho que trilhei pode ser desvendado, seguindo o rastro na areia ou interrogando a estrela que me acompanhou durante a gestação.

Corre o risco de as marcas terem sido apagadas pelo vento; e de que a estrela que vê no céu, seja apenas o rastro imagético do que ela já foi um dia, quando me seguia.

Melhor do que explicar, analisar, fragmentar e despersonalizar Luzia, peço humildemente ao leitor, que tente sentir a substância

---

<sup>1</sup> Sugiro ao leitor assistir ao documentário chileno *Nostalgia da Luz*, lançado em 2010, dirigido por Patricio Guzmán. A poética deste filme inspirou a escrita de Luzia.

das palavras que escolho para descrevê-la. Se puder, sinta o aroma do papel, e sua textura na ponta dos dedos. Projeto em ti meu desejo, já que, enquanto escrevo, não posso tocar neste papel virtual da tela do computador. E quando eu, finalmente, puder tocá-lo, já não será mais meu, o texto - nem serei eu, a mesma; serei leitora, não mais autora.

Será, neste papel, oficializado o tempo de ser Psicóloga.

Este texto é tecido com as linhas do *desejo pelo conhecer*. É através deste artifício que vou tramando a relação com esta nova profissional do ramo.

O Trabalho de Conclusão atende a pergunta que surge, assim que se aproxima o anoitecer da graduação, “Como e com que finalidade exercer a Psicologia?”.

A conversa que tenta responder esse questionamento é bilíngue, assim como o sotaque de quem a escreve. Entre a linguagem informativa conceitual e a língua da arte *invencionática*, tentaremos compreender *a serviço de quê*, no espaço de escuta, *a alma se comunica*.



*Eis que abre os olhos, anda os primeiros passos engatinhados, com as pernas bambas, sem medo de cair....*

LUZ,

ÓPERA,

**FICÇÃO!**

*Era uma vez a cidade sem Tempo....*

Em um mundo não tão distante... Na verdade bem pouco distante, quase no jardim da Praça XV<sup>i</sup> perto do boteco do Zé<sup>ii</sup>, aquele da famosa coxinha de siri, onde a Dona Neusa sempre passa clandestinamente vendendo números do jogo do bicho em voz rouca de quem fuma desde o tempo de Ari Pistola<sup>iii</sup>, e Matias não cansa de procurar a calcinha das moças com os olhos revirados pelas minissaias; enquanto Eliza passa tocando o sininho da sua bicicleta retrô avisando Ron, o gato siamês do Simão, pra que não seja atropelado (de novo).

Bem, ali mesmo, ouvi um boato sinistro. Daqueles que, antes de começar a contar, a gente olha pros lados e tapa meia boca com a mão, abafando o som e impedindo o suposto espião abelhudo de praticar leitura labial.

- Voltaremos com a lenda de Luzia na página 11 –

A Praça XV de Novembro é uma das mais antigas e tradicionais praças da cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul.



Imagem: Localização no GoogleMaps



Foto: Antiga Praça do Paraíso em 1877

O primeiro projeto de implantação de um logradouro público na área surgiu no início do século XIX, quando delimitou-se um largo à beira do Guaíba denominando-o informalmente de Praça do Paraíso, que não foi provido de qualquer urbanização, e cuja primeira referência oficial é encontrada nas Atas da Câmara Municipal de 6 de abril de 1811. O local, originalmente com 1199 braças quadradas (5 755,2 m<sup>2</sup>) tornou-se com o tempo ponto de comércio ambulante, com quitandas, bancas de peixe e outros mercados, e por volta de 1820 foi designado como um dos locais de depósito de lixo da cidade.

A praça sofreria ocupação formal quando nela foi construído o primeiro Mercado Público de Porto Alegre, inaugurado em 1844. A urbanização definitiva só se daria após 1869, quando o primeiro Mercado foi demolido e transferido para um pouco mais adiante, deixando seu espaço vago. Ao mesmo tempo seu nome foi alterado de Praça do Paraíso para Praça Conde D'Eu. Em 1870 o vereador José Antônio Rodrigues Ferreira apresentou uma proposta no sentido de ajardiná-la e calçá-la, e inclusive instalar nela um chalé para venda de refrescos e um coreto para apresentações da Banda Municipal. Em 1881 é estendido o calçamento e aprovada a planta do primeiro chalé, e em 1882 são instalados lampiões a gás. A Praça foi finalmente inaugurada em 2 de dezembro desse ano. Em 1885 foi erguido o primeiro chalé para venda de sorvetes, e em 11 de dezembro de 1889 sua denominação foi novamente mudada para a que ainda hoje mantém, Praça XV de Novembro.

O antigo chalé foi substituído por um novo em 1911, o tradicional Chalé da Praça XV, ainda existente. Em 1929 foi instalado o primeiro abrigo coberto para bondes, no lado da rua Dr. José Montauray. Para melhor atender à população, o abrigo foi aumentado em 1935, e ainda está de pé, servindo atualmente para comércio miúdo e lancherias.

<sup>ii</sup> Atualmente, o Boteco do Zé se encontra na Av. Antônio de Carvalho, 1657, no bairro Agronomia da capital gaúcha, Porto Alegre.

<sup>iii</sup> Não se sabe ao certo quando Ariovaldo Jesus Ferreira nasceu, mas especula-se que tenha sido por volta de 1830 num pequeno casebre no inóspito sertão cearense, concebido como caçula de

outros cinco irmãos homens. Ariovaldo deixou de existir para o mundo como reles mortal ao estabelecer, na fazenda em chamas de Rubião, embebido pelo sangue das tripas de seu maior inimigo, um pacto eterno com o Diabo. Nunca mais ele foi visto em Quixadá. Passou a ser conhecido como Ariri Pistola, e formou com outros seis homens de alma perdida um dos primeiros e mais temidos grupos de extermínio da história do cangaço.

O conto completo, encontrarás no blog do Billy Bode – o endereço está disponível nas referências bibliográficas desta edição.

Uma imagem embaçada surge na busca pelo nome Ariri Pistola na internet. Dizem que este pode ser um retrato do cangaceiro.



É sobre um manuscrito encontrado dentro de uma garrafa de vidro verde, que dormia profundamente, guardada na areia do litoral gaúcho. A mensagem na garrafa comprova a existência de uma antiga tribo muito engraçada. Vou contar pra você esta história, mas chega mais perto que é pra eu poder falar baixinho...

Antes do boteco do Zé levantar parede, na verdade bem antes do Zé nascer – então, imagina a lonjura de tempo que isso dá! -, tinha vento na praça XV. O vento balançava as árvores, que hoje são os bancos que estamos sentados, e as folhas que caíam sabiam exatamente em que parte do chão ficar. As pessoas humanas<sup>iv</sup> que ali viviam eram parecidas conosco. Vou falar das diferenças, que é o que importa.

Elas tinham olhos grandes, com pupilas dilatadas, e piscavam quase nunca. O resto do corpo era aleatoriamente parecido com os nossos, de hoje. As roupas, o que é mais impressionante, eram idênticas à moda atual – vestia de tudo, vermelho e verde, vermelho e rosa, azul com amarelo, saia longa, curta, cabelo curto, depois longo, óculos hipongo, tudo isso. Eles só não tinham um acessório. E essa falta faz toda diferença. É o que faz da história um conto tão infame e arrepiante, é o que transforma a história em uma figura mitológica, parecida com a Medusa<sup>v</sup>.

<sup>iv</sup> James Hillman, em seu livro *Re-vedo a Psicologia*, convida-nos a mudar de perspectiva ao observar o mundo, de forma que possamos enxergar através da imaginação. Deste ponto de vista, psicológico, podemos personificar entidades outras além do ser humano. Um convite a “desumanizar a psique”. *Re-vedo a Psicologia* é o livro base deste texto; encontrarás rastros dele em vários momentos da leitura. Compartilho com o leitor um trecho do livro, onde Hillman critica nossa visão de mundo moderna, focada no ego e no ser humano: “Personificar sempre foi fundamental tanto para a imaginação religiosa quanto para a poética, e hoje é fundamental para a experiência da psicologia arquetípica – e para pensar essa experiência. Essa visão [visão de mundo moderna] confina a ideia de subjetividade nas pessoas humanas. A apenas estas é permitido ser sujeito, ser agente, ter consciência e alma. A ideia cristã de pessoa como o verdadeiro foco do divino e única portadora de alma é básica para essa visão de mundo. O foco cristão concentrado sobre pessoas vivas reais também acabou por significar que a psique está por demais estreitamente identificada com a personalidade do ego. Também básica para essa visão moderna das pessoas é a psicologia de Descartes: ela imagina um universo dividido entre sujeitos vivos e objetos mortos. Não há espaço para nada intermediário, ambíguo e metafórico. Essa é uma perspectiva restritiva e levou-nos a acreditar que entidades outras que seres humanos, assumindo qualidades interiores subjetivas, são meramente objetos “antropomorfizados”, não realmente pessoas no sentido aceito da palavra. [...] Além do mais, essa visão moderna acredita que cada corpo individual não pode conter mais que uma pessoa

psíquica: como temos um só corpo, então somos uma só alma.”  
(James Hillman, em *Re-Vendo a Psicologia*).

<sup>v</sup> Da união das divindades marinhas Fórcis e Ceto nasceram as Gréias e as três Górgonas, deusas gregas de intensa beleza. Eram elas Esteno, Euríale e **Medusa**, das quais somente esta última era mortal. Poseidon, deus do Mar, se encantou com Medusa ao encontrá-la envolta por flores primaveris. Poseidon e Medusa fazem amor em um templo dedicado à Atena, despertando a fúria desta deusa, a qual decide punir as Górgonas, transmutando-as em terríveis e monstruosas criaturas. Seus cabelos são substituídos por serpentes com presas afiadas, e seus olhos adquirem o poder de petrificar quem os mire.

Outra passagem importante do mito de Medusa, é quando ela encontra Perseu. Polidectes, o rei, encarregou Perseu de matar Medusa e trazer sua cabeça a ele. Para isso, Perseu precisou da ajuda de Hermes, que lhe presenteou com sapatos alados, e de Minerva, que lhe forneceu um escudo. Perseu usou o escudo espelhado para acertar a cabeça de Medusa sem precisar mirá-la nos olhos. Assim, Perseu cumpriu a tarefa. Este mito faz uma boa analogia com a realidade – encarar os medos, a morte, ou a grande beleza da vida nos petrifica; é preciso olhar de soslaio, pelas margens, construir metáforas, vestir lentes com filtros de humor, poesia, arte.



Estou tentando aumentar tua curiosidade, mas vamos direto ao ponteiro, digo, ponto, até porque.... Relógio. Não existia relógio. Nem ponteiro, nem cuco, nem sino, ampulheta, de pulso, de parede, estante, digital nem se fala. Aí tu perguntas, nem no celular? Aí te respondo, não existia celular. Isso que conto é coisa de bem antes de Ari Pistola, antes do guaraná com rolnha, antes da invenção da roda... Antes de existir o tempo! É, chegamos ao ponto cardinal, basilar, medular, substancial, o momento crucial, onde um sábio soube saber que o sabiá sabia assobiar<sup>vi</sup>...

*O tempo não existia.* Fica difícil pra eu contar esta história, porque considerando a não existência do tempo, não posso sequer conjugar tempos verbais! Então, pra mode a gente nos entendermos, vou me ser paradoxal no modo de contar.

Por onde começo? Esta fábula não tem início-meio-fim, só tem meio, ou presente, agora. Tem nome certo pra isso? Pro não-tempo?

*É a eternidade que não demora, a imensidão que cabe em uma partícula de pó, o infinito dos olhos que contemplam o azul profundo de um oceano de gotas, a vastidão de um horizonte perene que segue o sol em constante angulação....*

Dizem que lá, naquele não-lugar<sup>vii</sup> (sim, porque se não há tempo, supomos que não há localização), morava uma espécie de família.

- Voltaremos com a lenda de Luzia na página 19 –

<sup>vi</sup> Este trecho pertence à música dos *Mamonas Assassinas*, *Uma Arlinda Mulher*:

“Num momento crucial,  
Um sábio soube saber que o sabiá sabia assobiar,  
E quem amafagafar os mafagafinhos,  
Bom amafagafigador será”.

O trecho é em memória e homenagem ao Grupo Musical, falecido em março de 1996 em um acidente aéreo.

<sup>vii</sup> A Teoria da Relatividade Restrita ou Teoria Especial da Relatividade, publicada por Albert Einstein em 1905, descreve a física do movimento na ausência de campos gravitacionais. O tempo e o espaço tridimensional são concebidos, em conjunto, como *uma única variedade de quatro dimensões* a que se dá o nome de *espaço-tempo*. Um ponto, no espaço-tempo, pode ser designado como um "acontecimento". Esta teoria gerou impacto entre os físicos, cientistas e, também, entre os filósofos; pois contrariou a ideia de Isaac Newton, onde há a existência de um tempo e de um espaço absolutos no universo, e abriu a possibilidade de pensarmos em uma experiência relativa do tempo.

Na psicologia, o *não-tempo* foi descoberto cedo; Freud logo percebeu a *atemporalidade no inconsciente*. Observava o relato das pacientes que falavam sobre suas “memórias”, mas que, na realidade, falavam de seus temores, desejos profundos e da relação de suas imagens da fantasia. James Hillman também descreve esta relação, em *Re-vedo a Psicologia*: “Pessoas nas

cenar estão sendo continuamente inventadas pela alma e apresentadas a nós como *memórias*” (2010, p.71).

João Bernardes da Rocha Filho, professor titular de Física da PUC-RS, em seu livro *Física e Psicologia: Aproximando Jung e a Física*, ajuda-nos a mapear esta teoria escrevendo sobre o não-tempo, o não-lugar, tanto na física, como na Neurologia e na Psicologia. Compartilho com o leitor, trechos do livro do João:

“A neurologia também parece orientada para a aceitação da *impossibilidade de localizar memórias* em regiões específicas do cérebro. Israel Rosenfiels (Médico Neurologista professor da Universidade Da Cidade De Nova York) associa a memória à *imaginação*, como uma recriação do passado, apontando evidências de que a percepção de cor, assim como a memória, são reconstituições de relações anteriormente vividas. Esse fato é compatível com uma memória de relações. Nos casos conhecidos de lesões cerebrais parciais, as funções de associação ou criação de correlações são as que ficam prejudicadas, não as lembranças em si, deixando supor que *não existem recordações específicas no cérebro*. Não estando localizada, a memória poderia estar *distribuída* no tecido cerebral, como informações gráficas num holograma, permitindo que os dados armazenados não se perdessem ainda que grandes partes do cérebro fossem danificadas. A ausência da memória localizada também pode ser um indício da existência do que Jung chamou de *inconsciente coletivo*, como depósito dinâmico de informações de toda humanidade, que poderia ser uma função particular do holomovimento de Bohm – a realidade sempre presente e que tudo permeia. Nesse sentido, a própria proposição de Freud sobre a necessidade de incluir uma instância inconsciente na explicação da maioria dos atos psíquicos decorreu de sua percepção de que,

em larga medida, tais atos não poderiam ocorrer como efeito de causas conscientes, dada a falibilidade e incompletude da memória. [...] Como a hipótese mais aceita sobre o surgimento do universo envolve um estado inicial muito denso, no qual interações teriam ocorrido com violência, a uma taxa incomensurável, é provável que nenhuma partícula possa ser considerada absolutamente independente de qualquer outra e as consequências advindas daí acabam por moldar *um cosmo totalmente interconectado*. [...] A localidade representa a própria lei de causa e efeito da teoria da física clássica. O teorema de Bell mostra que a natureza não pode seguir esta lei, pois as causas para os fenômenos quânticos têm de ser *não locais*. Isso significa que pontos distantes do espaço-tempo estão conectados por intermédio de uma ligação instantânea, ou seja, independente da distância ou da quantidade de matéria que os separa” (2014, p.88-106).

E este *não local*, expressa o *não tempo*, onde não há *antes*, *durante* ou *após* um evento; há apenas o evento e sua *relação* instantânea com outros eventos.

Um grupo não tão grande de pessoas humanas que, em contato contínuo com a natureza, eram confundidos com bichos, pelos próprios bichos.

[Talvez, se pudéssemos encontra-los hoje, nem os veríamos, não conseguindo diferenciá-los entre as árvores e onças do mato]

Esta comunidade caminhava na selva como quem caminha na sua própria casa quando falta luz. Conheciam cada arbusto, cada passarinho. Não porque sabiam o nome científico de sua espécie "*Mimus Saturninus*"<sup>viii</sup>, nem porque sinalizavam as árvores com marcas nos troncos durante o percurso. Eles se localizavam e conheciam, simplesmente, porque sentiam através da intuição<sup>ix</sup>, e nomeavam<sup>x</sup> todas as pedras, todos os seres que ali viviam.

As orelhas da pequena gente<sup>xi</sup> não eram muito desenvolvidas. Até tinham um buraco por onde entrava o som; mas, eles ouviam mesmo com o coração. Um tipo de ouvir que é medido em *ritmos*, não só em ondas sonoras. Se o coração bate forte, eles sabem que algo está por vir. Se o "forte" for rápido, é melhor correr ou ficar bem atento ao que se aproxima. A batida fraca e lenta sinaliza a chegada de Morfeu<sup>xii</sup>, para levar o vivente em sono profundo. Se for uma batida forte e lenta, é a *paz* que vem reinar.

<sup>viii</sup> É o nome científico do *sabiá*, uma ave passeriforme da família *Mimidae*. Também conhecida como tejo-do-campo, calhandra, arrebita-rabo, galo-do-campo, papa-sebo, sabiá-levanta-rabo, sabiá-conga ou sabiá-poca, sendo o último nome evitado pelos ornitólogos para não causar confusão com outro sabiá de mesmo nome (*Turdus amaurochalinus*). O sabiá-do-campo (*Mimus saturninus*) é uma ave famosa por seu vasto repertório de cantos, que incluem imitações de outras espécies.

<sup>ix</sup> Carl Gustav Jung em 1971 publica o livro *Tipos Psicológicos*, no qual ele reúne estudos realizados durante quase vinte anos, que tentam compreender como se organizam as atitudes e funções psíquicas conscientes e inconscientes. Jung mapeia quatro funções orientadoras: pensamento, sentimento, sensação e intuição; e cada função com duas atitudes típicas: introversão e extroversão. Compartilho com o leitor um trecho do livro (1991, p.349-351) onde ele descreve o que entende por *intuição extrovertida*: “Na atitude extrovertida, a intuição se volta totalmente para objetos exteriores. A função intuitiva é representada, na consciência, por certa atitude de expectativa, uma contemplação e penetração, mas apenas o resultado subsequente pode estabelecer quanto foi incutido no objeto e quanto já estava nele. [...] Visto que a intuição se orienta pelo objeto, temos uma forte dependência das situações externas, mas um tipo de dependência bem diversa daquela do tipo sensação. O intuitivo nunca está lá onde se encontram valores reais, aceitos em geral, mas sempre lá onde se encontram possibilidades. Tem faro aguçado para o embrionário e para o que promete futuro.

Apreende novos objetos e novas pistas com grande intensidade. Pensar e sentir, os componentes indispensáveis da convicção, são nele funções menos diferenciadas que não possuem peso decisivo e, por isso, incapazes de opor resistência efetiva à força da intuição.”

<sup>x</sup> *Nomear* aqui se refere ao sentido Platônico das palavras, onde os nomes não são meros conceitos, mas substâncias. James Hillman mais uma vez nos ajuda, no *Re-vendo a Psicologia* (2010) a personificar as coisas – inclusive as palavras. Para ele, os nomes são matéria, e “podem ter tanto impacto na alma quanto uma mesa, um dente, ou um chá”, as palavras “são presenças pessoais que tem mitologias: gênero, genealogia (etimologias com relação à origem e criação), história e moda. [...] Nossa ansiedade semântica nos fez esquecer que também as palavras queimam e se tornam carne à medida que falamos” (p.54-55).

<sup>xi</sup> *Pequena gente* foi o termo utilizado por C.G.Jung para definir as pessoas internas de nossos complexos. Para melhor contar esta história e ilustrar esta ideia, uso-me de mais um trecho do livro *Re-vendo a Psicologia*, de Hillman: “Pessoas do sonho são complexos rondando, sintomas são a irrupção dessas pessoas em nossas vidas cotidianas. Nossas complexidades pessoais são de fato as pessoas de nossos complexos. [...] Na prática junguiana, as palavras *Sombra*, *Self*, *Ego*, *Anima* e outras, referem-se aos componentes estruturais da personalidade. Estas estruturas básicas são sempre imaginadas como sendo personalidades parciais, e o jogo entre elas é imaginado mais como na ficção do que como na física. [...]. Somos cada um de nós um campo de relacionamentos de pessoas interiores, uma comunidade interior.

A psicodinâmica torna-se psicodramática; nossa vida é muito menos o resultado de pressões e forças, que o desempenho de cenários míticos. [...] Jung nomeou todas estas figuras de 'a pequena gente'. Ainda assim, a despeito de seu jeito irônico de nomear, ele os reconheceu como sendo mais importantes que nosso 'Eu' habitual" (p.79-111).

<sup>xii</sup> De acordo com a mitologia da Grécia antiga, Morfeu era um dos filhos de Hipno, o deus do sono. Assim como o pai, era dotado de grandes asas, que o transportava em poucos instantes, e silenciosamente, aos pontos mais remotos do planeta. O nome *Morfeu* significa "a forma" e representa o dom desse deus: viajar ao redor da Terra e assumir forma humana e, dessa maneira, se apresentar aos adormecidos durante os seus sonhos. É comum dizer que quem cai nos braços de Morfeu, faz um sono tranquilo e reconfortante, como se realmente estivesse na companhia dessa divindade. Morfeu foi mencionado na obra *Metamorfoses* de Ovídio como um deus vivendo numa cama feita de ébano numa escura caverna decorada com flores. A droga *morfina* tem seu nome derivado de Morfeu, visto que ela propicia ao usuário sonolência e efeitos análogos aos sonhos.

Dizem que o Eslavíneo, senhor mais velho da família-tribo, já se relacionou com a paz de uma maneira tão intensa, que seu coração batia uma forte vez a cada *quatro* dias.

Já imagino do que desconfias. Como mediam este quartilho de dias? É um tanto difícil explicar esta matemática. O tempo, quando não impera vestido em sua forma cronológica, dá um jeito de cair em nós; através de sua forma Kairós<sup>xiii</sup>. É, nesta forma do Tempo, ele kai...cai de um jeito aberto, estatelado na parede da retina pineal<sup>xiv</sup>, que recebe este encontro brusco de uma maneira silenciosamente festiva.

[É de se comemorar quando este tempo acontece]

Esta batida anuncia o encontro das linhas opostas; do circular com o linear, do sagrado com o profano, da vida com a morte.

Penso não ter contado com clareza, Kairós é um jovem rapaz, de corpo maleável e músculos rígidos, sempre carrega consigo um martelo pesado, um prato de metal e veste uma pequena saia de capim seco, com sementes de Água<sup>xv</sup>. Quando ele chega, bate seu martelo contra o prato, emanando uma onda grave e muito ampla pelo raio de oito quilômetros; enquanto o som pesado se propaga no silêncio da tribo, o jovem balança sua saia em movimentos

<sup>xiii</sup> Esta nota não se refere especificamente a Kairós, o personagem da trama; refere-se a uma pergunta que surge na graduação em Psicologia, sobre a experiência do tempo. Por consequência, esta nota, como todas as notas, é apenas um complemento, em tom científico, ao leitor interessado.

*Cronos, Kairós, Aion*: Como o sujeito experiencia o tempo, como esta experiência acontece nas relações e como isso pode estar a serviço de um processo de transformação, são as questões que guiam esta longa nota.

O tempo faz parte do questionamento físico e filosófico desde o princípio da história; a *arte* talvez seja quem possui as ferramentas mais afiadas para apreensão deste tema; mas, para desenvolver esta *nota*, conto com o auxílio de algumas pessoas que falam através da *psicologia*, da *mitologia* e da *filosofia*, para construir uma ideia sobre o Tempo.

Tento expor, logo de entrada, o que li estudando os textos mitológicos de Junito de Souza Brandão, que contavam sobre os deuses relacionados à temporalidade. *Cronos* é um deus grego que constrói um tempo. É filho do Titã Urano casado com Réia, e pai de Zeus (dentre outros filhos). Urano, por medo de ser destronado pelos filhos, logo quando estes nasciam ele os colocava de volta no ventre de Géia, a mãe. Ela, então, resolve libertar seus filhos e pede ajuda a eles para se vingar de Urano; todos se recusam, exceto Cronos. A vingança de Cronos foi cortar os testículos do pai, e assim ocupar seu lugar no governo do mundo. Cronos casa-se com Réia e acaba se tornando um déspota pior que Urano; com medo de ser destronado por um de seus filhos, passou a engoli-los à medida que iam nascendo.

Cronos devora ao mesmo tempo em que gera – mutilando a Urano e engolindo os filhos, estanca as fontes da vida, mas torna-

se ele próprio uma fonte, fecundando Réia. Neste sentido, o tempo de Cronos (cronológico) pode ser entendido de forma linear, ou seja, é caracterizado por ser irreversível, onde há uma meta: o fim. Remete ao envelhecimento, à lógica quantitativa e sequencial, o tempo que se mede, o tempo que resta – que pode ser dividido em anos, meses, semanas, dias, horas, etc.

*Aion*, opostamente a Cronos, pertence ao tempo das ideias, da totalidade, do eterno, divino; e, neste sentido, pode ser entendido como possuindo caráter cíclico. Karina Santos, especialista em Psicologia Analítica, escreve que Aion corresponde ao ser de Parmênidas (530 a.C. - 460 a.C.), que acreditava que as mutações são puras ilusões, pois o ser, que é eterno, possui uma imobilidade no mundo, sendo desta forma um ser uno, imutável (Santos, 2010, p19).

Giorgio Agamben quando fala de *tempo e história*, sugere que “a primeira consequência desta concepção é a de que o tempo, sendo essencialmente circular, não tem direção. Em sentido próprio, não tem início, nem centro, nem fim, ou melhor, ele os tem somente na medida em que, em seu movimento circular, retorna incessantemente sobre si mesmo” (Agamben, 2005, p112).

Aion é o tempo do inconsciente. Possui características de Ageron, que é aquele que não envelhece, que não sofre a ação do tempo. O tempo cíclico pode ser representado pelas mudanças das estações no ano que se repetem. Karina Santos (2010, p22) oferece o exemplo da Agricultura: “que com ciclos naturais e rituais anuais de troca de plantio conforme a estação representam a ação do tempo e influência do tempo climático (preparar a terra, semear, aguardar o crescimento e colher). São

os aspectos cíclicos em um tempo cronológico, isso porque os tempos atuam dinamicamente” e simultaneamente.

Aion pode ser pensado através da atemporalidade, na psique sempre parece haver um jogo entre temporalidade (tempo do ego, ou da consciência pessoal e social, que podemos relacionar com Cronos) e atemporalidade (tempo do Inconsciente, pessoal e coletivo, que pode ser simbolizado por Aion). Quando o tempo cíclico e o tempo linear se juntam há um momento de encontro, possibilitando a união dos opostos. É a união daquilo que é particular e único com aquilo que é coletivo e arquetípico. O encontro dos opostos, o movimento de transformação se torna possível quando o sujeito se permite viver seu tempo interno (Aion) e, simultaneamente, deixa-se sentir e perceber o tempo do outro (que pode ser o tempo externo, Cronos, ou o tempo interno, Aion, de outro). É neste encontro de tempos que se abre o espaço onde é possível que o movimento ocorra; é o tempo *Kairós*.

Kairós é do grego antigo, que significa “o momento oportuno”, “certo” ou “supremo”. Na mitologia, Kairós é considerado filho de Cronos, mas também uma forma simbólica de se referir a momentos específicos da mitologia, como o nascimento de Zeus ou associado a todos os deuses como manifestação de um ou outro no momento certo. Kairós representa um momento onde algo especial acontece, é a experiência do momento oportuno, é usado para descrever a forma qualitativa do tempo, que não pode ser medido. Fazendo a analogia com dois cavalos da biga de um herói, Cronos era o cavalo que mantinha o passo, e Kairós era o cavalo que, no momento do ataque, puxava a biga.

Ele pode ser compreendido como o momento onde tempo rítmico e tempo eterno se unem; deste encontro nasce a “eternidade

momentânea”: um espaço de certa forma limitado, porque nasce e morre dentro do ritmo, mas eterno porque vive na transformação que – este encontro - gera.

Agamben retrata esta eternidade em movimento quando recorda que no *Timeu* de Platão, o tempo, “medido pela revolução cíclica das esferas celestes, é definido como uma imagem em movimento da eternidade: o criador do mundo fabricou uma imagem móvel da eternidade imóvel e una, esta imagem que se move sempre conforme as leis do número, e que nós denominamos tempo” (2005, p.112).

Este tempo, na lembrança da filosofia dos Estoicos, é trazido por Agamben, quando relata que esta escola se baseava em *Kairós* para viver suas experiências e tomar suas decisões. “O estoico coloca a experiência libertadora de um tempo, que não é algo de objetivo e subtraído ao nosso controle, mas brota da ação e da decisão do homem. Seu modelo é *Kairós*: coincidência bruta e improvisa na qual a decisão colhe a ocasião e realiza no átimo a própria vida. O tempo infinito e quantificado é assim delimitado e presentificado: concentra em si os vários tempos e, nele, o sábio é senhor de si e imperturbável como um deus na eternidade” (2005, p.123-124).

Este é o tempo da experiência, *Kairós* é a percepção, a oportunidade, onde a intuição transborda, invade e cria espaços. Porém, o que move o sujeito não é um tempo ou outro, mas todos os tempos em conexão. Glauco Ulson, nos *Cadernos Junguianos* diz: “A alma está associada àquilo que anima, e o que anima é o tempo, conferindo movimento. A própria alma está sujeita por outro lado, aos três tempos” (2008, p.10).

Por mais desarmônicos que sejam os ritmos envolvidos, a liberdade do encontro cria um novo compasso, que gera a

sincronicidade – e esta descoberta transforma as pessoas a nível molecular.

“O tempo é algo de objetivo e de natural, que envolve as coisas que estão dentro dele como em um invólucro: assim como cada coisa está em um lugar, ela está no tempo” (Agamben, 2005, p.114).

### *A estrutura do Tempo*

Quando o tempo é “especializado, transformando-se numa distância percorrida, o antes não pode ser diferenciado qualitativamente do depois: se a distância entre um ponto A e um ponto B é idêntica à distância entre um ponto B e um ponto A, temos entre A e B uma relação que pode ser dita reversível” (Gondar, 1996, p.70).

Se A e B forem Porto Alegre e Veranópolis, continuam representando uma distância entre pontos; porém o caminho que esta distância percorre é preenchido de informações (como casas, árvores e pedras) dispostas em determinadas posições/espacos; desta forma, o caminho de ida e de volta é ao mesmo tempo reversível e qualitativamente diferente, considerando que o leste fica à esquerda de quem vai e à direita de quem volta, mudando assim o ponto de vista do viajante – e ainda é possível supor que algumas informações podem mudar de posição, deixarem de existir ou outras novas podem surgir. Pensando assim, o tempo não pode ser desenhado como uma reta, tampouco como um círculo; pois as informações no círculo e na reta são sempre as mesmas.

Neste sentido, busco novamente Agamben para, nas antigas escolas filosóficas e nas religiões, entender como o tempo pode ser pensado estruturalmente. Em relação ao cristianismo, Agamben (2005) relaciona a religião como uma linha reta, onde o mundo é criado no tempo e deve se acabar no tempo; referindo-se à Gênese e ao Apocalipse. Já o tempo no pensamento grego, ele relaciona com o círculo; um tempo continuum infinito, sem direção, que retorna incessantemente sobre si mesmo.

“Quer seja pensado como círculo, quer como linha, o caráter que domina toda concepção do tempo é a pontualidade. Representa-se o tempo vivido mediante um conceito metafísico-geométrico (o ponto-instante inextenso) e então se procede como se este próprio conceito fosse o tempo real da experiência” (Agamben, 2005, p.122). Esta ideia conversa com o que Gondar traz sobre o modo como Freud “temporalizou” a consciência: “Na consciência, Freud propõe o funcionamento descontínuo, a consciência se acende e se apaga conforme seja investida ou desinvestida pelo inconsciente. Relaciona este tempo da consciência ao tempo cronológico, uma sucessão de pontos, de instantes descontínuos que são pensados independentemente de qualquer fenômeno” (1996, p.78).

A Gnose, religião ocidental, manifesta uma relação com o tempo semelhante à proposição de Freud sobre a consciência, mas radicalmente diferente em comparação ao círculo da experiência grega e à linha reta do cristianismo; ela (Gnose) fala através de “uma concepção cujo modelo espacial pode ser representado por uma linha partida. O tempo cósmico dos gregos é negado pela Gnose em nome da absoluta estraneidade, em relação ao mundo, de um Deus cuja ação providencial não pode consistir em conservar as leis cósmicas, mas em interrompê-las. Quanto à

orientação do tempo linear cristão no sentido da redenção, ela é negada porque, para o gnóstico, a ressurreição não é algo que deva ser esperado no tempo e que virá a acontecer em um futuro mais ou menos distante, e sim algo que já aconteceu desde sempre” (Agamben, 2005, p.122-123).

O tempo gnóstico se refere a uma verdade que se encontra no átimo de interrupção em que o homem se apossa, com um súbito ato de consciência. É como o sujeito experimentar a consciência e a finitude de cada momento; que, em um espaço de instante, se estende do nascimento à morte.

Jô Gondar dirá que, para Freud, opostamente à ideia de consciência, o inconsciente é atemporal. Porém, uma atemporalidade não absoluta, pois Freud entende que o inconsciente funciona segundo uma modalidade de tempo: *a posteriori*. “Aqui se dá o tempo próprio de funcionamento, um tempo real, mordendo as coisas e nelas deixando a marca de seus dentes; com relação ao inconsciente, esta marca reside na produção de sentido” (1996, p.79).

A produção de sentido se renova a cada instante que os traços se reorganizam; interpreto estes traços como os encontros onde novas informações se agregam. E esse novo sentido/informação é “irreversível – não porque não possa ser produzido um outro que o modifique, mas porque toda nova produção instaura uma diferença qualitativa que impede o retorno a um momento anterior” (Gondar, 1996, p. 69). O retorno é impossível na medida em que as novas informações modificam as já existentes.

A concepção do tempo que Gondar interpreta a partir do conceito de Pulsões de Freud, assemelha-se muito com a ideia estrutural de tempo que concluo após percorrer o caminho entre a mitologia, a filosofia, as religiões e os estudiosos que

transcorreram sobre o tempo. “Com relação às pulsões, Freud admite um percurso temporal entre a fonte e o objeto pulsional – percurso, este, que implica uma repetição: como o objeto não pode satisfazer inteiramente a pulsão, o movimento é relançado, num recomeçar perpétuo. Teríamos assim um tempo circular. Porém, o recomeçar jamais se dá em idênticas condições, justamente porque a satisfação que é exigida é sempre maior do que a que é realmente conseguida; então nos sugere a combinação de um tempo circular-repetitivo com um tempo linear-irreversível: se é possível construir uma imagem deste tempo, pensaríamos em uma espiral, onde o tempo se escoia e recomeça, repetindo o desenrolar-se sempre a partir de um novo momento” (Gondar, 1996, p.82).

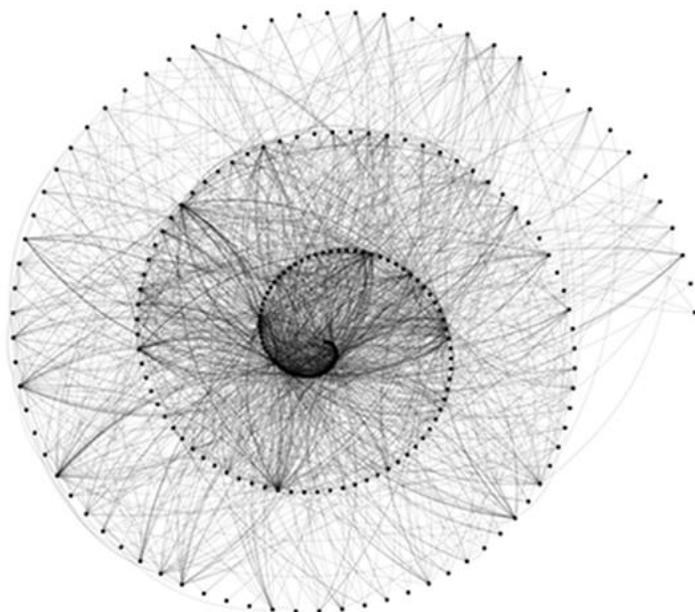
Para pensar estruturalmente esta ideia - unida com as ideias anteriormente descritas – represento um espiral ascendente com linha não-contínua. O espiral lembra a repetição no sentido do movimento circular em torno de um eixo; porém, na realidade não há repetição, pois, cada encontro (Kairós) gera uma informação revolucionária, que desencadeia um novo ciclo. E cada ciclo agrega novas informações, que modificam a estrutura como um todo.

As informações de cada ciclo se conectam, de alguma forma, às informações dos ciclos anteriores e dos advenientes – há um sentido no movimento de cada estrutura temporal. Esta estrutura é inconsciente em totalidade; a consciência pulsa, acontece nos espaços-instantes entre os vazios. Estes vazios permitem o movimento que gera o alicerce, que flui no eixo e que, ao mesmo tempo, é o próprio espiral.

A sincronicidade entre as informações as torna, de certa forma, “atemporais”; no sentido de que não há, necessariamente, ordem

cronológica na aquisição destas informações. “Hölderlin nos propõe um tempo desvinculado de toda ordenação, liberto de toda regra, onde o passado e o futuro se dão simultaneamente: um tempo já passado e eternamente ainda por vir” (Gondar, 1996, p.82-87).

Cada pessoa vive em uma estrutura temporal diferenciada, original, única. “O homem, portanto, não cai no tempo, mas existe como temporalização originária” (Agamben, 2005, p.126). Observada de cima, a estrutura temporal pensada aqui, poderia ser representada pela imagem que segue:



A imagem, que lembra uma *mandala*, mostra o espiral ascendente, o espaço vazio entre cada informação, a imagem de que cada perspectiva de cada informação é única, diferente das outras e, ao mesmo tempo, são todas interligadas de alguma forma.

Carl G. Jung (2000) pontua que percebeu nos orientais que desenhavam mandalas, uma motivação pelo "encontro com Deus". A característica de centro, interior, eixo que a mandala oferece, lembra o encontro com o *Self*, é o encontro com a *essência*. Essa essência pode ser relacionada com a própria estrutura temporal de cada indivíduo – e aqui, o indivíduo pode ser uma pessoa de um complexo. O centro pressuposto na representação da mandala pode ser a descoberta, de cada indivíduo, de seu estilo essencial, sobre seu tipo de semente, codificado desde o princípio, mas somente percebido nos frutos maduros, onde o que diferencia cada um é o jeito de cair do pé. O espiral ascendente também lembra as proposições de Jung (1984), quando o autor fala do processo de *individuação*, através do qual a pessoa se movimenta de um estado de identificação para um estado de maior diferenciação; e este processo, supostamente leva a uma ampliação da consciência.

### *Psicopatologia do tempo definido*

Toda concepção de história é sempre acompanhada de uma certa experiência do tempo que lhe está implícita, que a condiciona e que é preciso, portanto, trazer à luz. Da mesma forma, toda cultura é, primeiramente, uma certa experiência do tempo, e uma nova cultura não é possível sem uma transformação desta experiência. Por conseguinte, a tarefa original de uma autêntica

revolução “não é jamais simplesmente mudar o mundo, mas também e, antes de tudo, mudar o tempo” (Agamben, 2005, p.111).

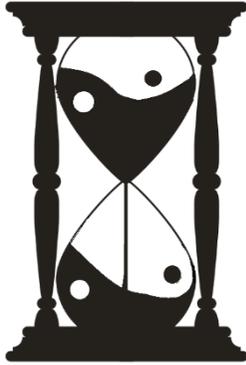
Gondar (1995) diz que Freud propõe que pensemos a organização e o funcionamento dos sistemas psíquicos sob a ótica do tempo. Se cada um desses sistemas tem seu modo próprio de funcionamento e, se essa especificidade envolve o fator tempo, podemos supor que a diferenciação entre as instâncias se dá a partir do regime temporal a que cada uma delas está submetida. Mais do que isso: podemos mesmo admitir que a disjunção subjetiva remete a uma diversidade temporal. Neste sentido, pode-se pensar como o tempo influencia os quadros psicopatológicos; a classificação, definição de um diagnóstico psicopatológico pode estar marcando a diferença entre os tempos que um sujeito e outro estão submetidos. Percebendo que cada sujeito vive um funcionamento temporal diverso, talvez fosse idealmente lógico existir, para o número existente de sujeitos, o número equivalente de diagnósticos.

Agamben se refere à concepção do tempo na idade moderna como uma laicização do tempo cristão retilíneo e irreversível, dissociado, porém, de toda ideia de um fim e esvaziado de qualquer sentido que não seja o de um processo estruturado conforme o antes e o depois. O autor ainda diz que “a subserviência a este tempo (homogêneo, infinito e quantificado) inapreensível constitui a *enfermidade fundamental* que, com seu adiamento infinito, impede a existência humana de possuir a si mesma como algo único e completo” (2005, p.123). Entender o tempo é saber que há um tempo de processo interno, um tempo nas relações, um tempo que encontra e um tempo que define. Aquele que respeita o tempo é mobilizado a aceitar e experienciar

o tempo como uma presença, um caminho, não como uma meta. Assim, aceitando seu caráter criador e, também, seu caráter mortal. Compreendendo a brevidade dos instantes e a complexidade das configurações individuais e coletivas, o tempo estará a serviço das transformações.

<sup>xiv</sup> A glândula pineal é uma pequena glândula endócrina localizada perto do centro do cérebro, entre os dois hemisférios. Apesar das funções desta glândula serem muito discutidas, parece não haver dúvidas quanto ao importante papel que ela exerce na regulação dos ciclos vitais (principalmente o sono) e no controle das atividades sexuais e de reprodução. A glândula pineal na filosofia tem sido considerada - desde René Descartes (século XVII), que afirmava ser a glândula o ponto da união substancial entre corpo e alma - um órgão com funções transcendentais. Com a forma de pinha (ou de grão), é considerada por estas correntes filosóficas como um terceiro olho devido à sua semelhança estrutural com o órgão visual. Seria um órgão atrofiado em mutação com relação a nossos ancestrais. A ciência laboratorial ainda não conseguiu comprovar estas filosofias.

<sup>xv</sup> As sementes de Aguai vêm de uma planta ornamental, o Aguai, que pode medir de 3 a 10 metros de altura. São muito usadas na *Radiestesia*, pois os terapeutas que trabalham nesta área, acreditam que a planta consegue equilibrar as energias do corpo. As sementes em corte piramidal lembram a milenar mandala do Yin/Yang, sugerindo o poder do equilíbrio. Foram muito utilizadas para alcançar a cura, pelos índios brasileiros e pelos Maias.



rápidos e leves, o som das sementes de Aguá chocalhando traduz o renascimento, [a morte] traz paz e riso.

A família sabia que quando Kairós aparecia, era instante de religar memórias ancestrais. Sabedorias profundas que haviam afundado no Lago Negro, retornavam à superfície como vulcões em erupção.

E foi assim, com a aparição do jovem, que Luzia<sup>xvi</sup> recuperou um tanto de sua memória. Contarei como a perdeu.

Luzia foi com a cabeça de encontro à Pedra Medonha.

[No mato, a Pedra Medonha se encontra entre a Árvore Raivosa e o Lago Negro]

Ao levantar galo na testa, Luzia apagou as lamparinas da memória que ainda estavam acesas. Esqueceu quem eram seus amigos, não mais reconheceria sequer os rostos mais familiares. Desde então, a moça sobrevive entre os arbustos Neutro e Apático, chutando pequenas alegrias entre os grãos de areia salgados.

Tem *mar* lá na Terra Sem Tempo. O Ritmo das ondas é diferente do que estamos habituados. A onda só vem molhar quando os grãos tem sede.

É um tipo de onda compensatória.

<sup>xvi</sup> Talvez não por acaso, *Luzia* foi o nome que recebeu do biólogo Walter Alves Neves o fóssil humano (*homo sapiens*) mais antigo encontrado nas Américas, com cerca de 12.500 a 13.000 anos. Ele se inspirou em Lucy, o célebre fóssil de *Australopithecus afarensis* de 3,5 milhões de anos achado na Etiópia no ano de 1974. Este crânio de uma mulher com cerca de 20 anos, foi encontrado no início dos anos 70 pela missão arqueológica franco-brasileira, chefiada pela arqueóloga francesa Annette Laming-Emperaire (1917-1977). O crânio foi descoberto em escavações na Lapa Vermelha, uma gruta no município de Pedro Leopoldo, na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Luzia gozava de molhar os pés na espuma branca do Mar Azul. Era gozo raro, pois o medo que a pedra cravou em sua testa, pulsa no coração quando a moça observa o *profundo* oceano marinho.

O Pajé receitou algumas gotas de *chuva de verão* pela manhã. Mas Luzia bateu a cabeça no inverno; teve de viver a primavera tristonha.

Neste período desmemoriado, todos os integrantes da Tribo de Luzia se *esconderam*. É cultura desses viventes respeitar o *desmemoriado*. É a um *respeito* peculiar que me refiro.... Tente acompanhar a lógica deste povo.

Quando Luzia perdeu a memória, não mais reconheceu seu grupo, não mais caminhou na selva, não mais mergulhou no Lago Negro e no profundo Mar Azul. A moça se isolou da comunidade, passou a viver em completa *solidão*<sup>xvii</sup>.

Os outros membros tribais se entristeceram por terem sido esquecidos. Mesmo tentando aparecer em meio às árvores, Luzia não os reconhecia, não os diferenciava da floresta escura.

<sup>xvii</sup> Quando esquecemos de nos comunicar com as pessoas dos complexos, vivemos em solidão psíquica. O Ego sozinho, dificilmente consegue suportar grandes catástrofes ou grandes paixões; é muito recomendável que se reconheça a comunidade interna e se relacione com ela.

Sendo assim, eles combinaram de observar a moça até que subisse ao céu a primeira Lua Cheia de dezembro; neste dia, eles fariam algazarra e tentariam chamar a atenção de Luzia, com o objetivo de serem reconhecidos – e a comunidade voltaria, então, a conviver e se relacionar de maneira equilibrada.

Foi assim que se sucederam os fatos. E ao rebente da Lua, com retrato clarão nas águas do Lago Negro, surgiram do meio da mata estes *nove* vivos. Foi mais um trauma<sup>xviii</sup> para Luzia. O susto foi tão devastador, que a moça nem conseguiu berrar de horror! Não havia mais escolha ou espaço para reconhecê-los aos poucos; a fúria da família fez com que perdessem qualquer civilidade ou complacência. Pularam em cima da moça sem memória, como demônios! Gritando e reivindicando atenção, espaço para voltarem a viver em *liberdade*. Luzia acreditava estar vivendo um pesadelo, mas os beliscões não serviram para acordá-la.

Sua salvação ...

[quem diria?]

.... Estava a *cair do céu*: era final de dezembro, o verão chegou, junto com suas *chugaradas*<sup>xix</sup>.

<sup>xviii</sup> Saindo da perspectiva imaginal, dominante deste trabalho, para pensar o *Trauma* a partir da perspectiva da Experiência Somática (O método SE – *Somatic Experiencing*), é percebido como um fenômeno de “desregulação” interna. Peter A. Levine, médico e terapeuta americano e PhD em Psicologia e Biofísica Médica, é o idealizador do método *Somatic Experiencing*. A partir da observação de que, embora ameaçados de modo rotineiro, os animais selvagens raramente são traumatizados, Levine desenvolveu uma abordagem essencialmente naturalista. O entendimento do trauma como fenômeno gerado pela impossibilidade de retomada da autorregulação – que seria natural a um organismo, após um evento estressor – está na constituição do método. Constantes estudos mais extensos em etologia animal e outros relativos a rituais indígenas para a resolução do trauma ajudam a aprimorar o método.

Atenta à fisiologia, à coerência dinâmica e aos ritmos dos sistemas do corpo, as técnicas do método SE ajudam na finalização de respostas defensivas e na descarga monitorada e gradual dos altos níveis de ativação associados aos comportamentos primários de sobrevivência. De acordo com Levine, a eficiência e a completude dos mecanismos primários de sobrevivência, que podem ser observados no mundo selvagem, garantem aos animais o retorno da autorregulação natural e a consequente imunidade ao trauma.

<sup>xix</sup> Recomendo que escute, em sua casa, o disco do cantor e compositor *Dom Pedro*, está disponível completo no site *Youtube*. No disco de nome *Segundo*, a faixa número 5 chama-se *Chuarada*. É uma canção muito bonita, especial.

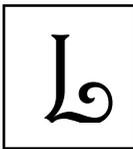
[Porém, se pensas que foram as águas veraneadas que ajudaram Luzia com seus *demônios*, engana-te; eis que, ali, surge o tal jovem do Tempo que cai]

Quando as primeiras gotas de chuva caíram em seu ombro, Kairós apareceu!

A beleza do som, harmonizado com as doces gotas quentes de chuva, fez o corpo de Luzia acender! Seu rosto, de quem acorda em gargalhadas, já não sabia diferenciar o doce da chuva e o sal das lágrimas.

Úmida ficou, e suas memórias renasceram como brotos de feijão em algodão fértil.

O som forte de Kairós também acalmou a fúria dos familiares; que, agora, observavam atentos ao despertar de Luzia.



Luzia, a pouco e pouco, pôde conversar com os nove, um por um, retomando a antiga relação.

O primeiro, foi seu pai. Foi doloroso para moça.

Havia muitas memórias, pesadas, um tanto selvagens, que havia vivido com Sr. Adolfo. Atreveu-se até a ficar duvidosa do amor que sentia por ele! Luzia apenas se deu conta de que se pode amar e

odiar o mesmo sujeito; Amor e Ódio são *cara e coroa* de uma mesma moeda.

[O poder de Kairós é fantástico. Proporciona o encontro com a memória, com o esquecido. A moça realizou que parte da impulsividade que via no pai, era imagem refletida de si; o que tanto pensou ser defeito torto do outro, brotava de suas próprias tortas entranhas]

Também lembrou do *muito* de bom que aprendeu com seu pai, do tanto gargalhar, e dos momentos em que ouviu Adolfo orar na capela de Santo Mé, pedindo por dias menos sofridos e por pinga mais pura, que bebia no gargalo.

Ao perceber as fragilidades do velho, abraçou Sr. Adolfo pedindo perdão pelo esquecimento, palavreou seu amor e reconheceu a plena importância do pai no talhe de sua personalidade de forte jovem-mulher.

Com a mãe, a conversa foi mais de corpo que de pensamentos falados. Mittara e Luzia desenrolaram o cordão que ainda as unia; apesar de muito longo - o que permitia certa distância física - o fio não deixava que se libertassem uma da outra por completo. Conseguiram, depois de muito olhar profundo e úmido dentro de si, pegar um bom alicate emprestado do pai, e, assim, cortaram o

tal cordão. Queimaram as pontas, cada uma em seu umbigo, e trocaram algumas palavras...

Mãe, querida! Tu não sabes o quanto preciso da tua presença. Tenho gratidão e amor pra toda vida; tu me destes tudo que tenho, ensinou-me como andar pisando forte, como rir de si mesma, como fazer um belo bolo. Mas, sei que preciso trilhar meu caminho! Sei que me quero independente. Eu também me quero. Sei que dói, pra nós duas, esse crescer. Sair do teu ninho é o passo que estou dando para minha liberdade, de deixar de ser pequena gente pra ser gente grande.

“Luzia, minha filha, não tenha medo de seguir viagem. Eu cumpri meus serviços de mãe, lhe dando alimento e amor. Hoje segues para o lado da mata onde nasce o Sol, e eu sigo o caminho do entardecer, onde o Sol se apaga e dá lugar às outras estrelas. Assim como nosso Rei, ponho-me a dormir, e ofereço-te lugar para mostrar tua luz essencial. Caso precise de minha ajuda, estarei com o coração atento. *Entrego-lhe meus dentes caninos<sup>xx</sup>*, quando esfregar um dente n’outro, eu galoparei quantas léguas for necessário.

<sup>xx</sup> Esta passagem do conto lembra a lenda de *lansã*, orixá feminino dito *Oiá* nos candomblés ortodoxos nagôs; é uma das três mulheres do orixá Xangô e a encarnação das tempestades, raios e ventos. Compartilho um pedacinho da lenda de *lansã*, que se pode fazer sincronia com a mãe de Luzia: “Ogum ia abater um imponente búfalo quando viu a pele do animal se abrir e de dentro sair a bela Oiá! Ricamente vestida e cheia de ornamentos que valorizavam sua beleza e sensualidade. Ela dobrou a pele do búfalo e o escondeu num formigueiro, dirigindo-se para a cidade. Ogum a seguiu e propôs-lhe casamento, sem ser aceito. Ogum, então voltou, pegou a pele no esconderijo e a guardou para si. Quando Oiá descobriu o roubo da pele, voltou à cidade e encontrou Ogum à sua espera. Acusou-o, exigiu o que era seu e Ogum não admitiu nada. Oiá percebeu que teria de render-se e aceitar as propostas de Ogum, se quisesse seus pertences de volta. Mas impôs-lhe três condições: ninguém nunca poderia dizer-lhe diretamente que era um animal; ninguém nunca poderia usar cascas de dendê para fazer fogo; e ninguém nunca poderia rodar um pilão pelo chão da casa. Ogum aceitou e se casaram. Isso desagradou as demais mulheres de Ogum. Após o nono filho de Oiá, as demais mulheres, enciumadas, embriagaram Ogum com vinho de palma e conseguiram que ele lhes contasse o segredo de *lansã*. Elas então acusaram-na de ser um animal e lhe disseram onde estavam suas peles, chifres e cascos. Oiá correu até o lugar indicado e achou seus pertences. Vestiu-os e eles se ajustaram perfeitamente, retomou a força do animal e com raiva atacou as outras mulheres e as matou. Ela pretendia voltar para a floresta, mas seus filhos a chamavam de volta. Ela então pegou seus chifres e os deu a eles, dizendo-lhes que se algum dia dela precisassem, que tocassem os chifres e ela surgiria para defendê-los”.

Agora segues teu caminho, e eu sigo o meu, *em paz.*”

O irmão não esperou Luzia viver qualquer luto de Adeus, chegou batendo nas costas,

“Maninha! Que falta me fez enquanto esteve desmemoriada! Nunca uma Lua Cheia demorou tanto a chegar... Minha espera foi tão doída, devido ao fato de tu seres a minha melhor companhia na caça aos Tatu Bolas. Não pude caçá-los em tua ausência, então os malditos se proliferaram! Precisaremos de muitas garrafas de vinho vazias para guardar os miseráveis...”

Luís! Como pude esquecer-me de ti! Meu companheiro de aventuras! Caça, tiro ao alvo, arco e flecha, não há tempo feio contigo, meu irmão! Peço que me perdoes pelo esquecimento, logo botamos a caça e a prosa em dia. Enquanto solitária, percebi que algo me coçava as pernas... Eram os Tatus em excesso! Deixaremos esses vermes em extinção!

O quarto reencontro de Luzia foi com sua irmã univitelina,

Yara! Nem posso crer em tamanha surpresa! Olho para ti e o conceito de beleza se transforma... Donde vem tanta graça, tanta

elegância? Como podemos ter nascido do mesmo Ovo? Deves ter sugado todos os nutrientes da Gema, e eu fiquei apenas com a Clara, sem gosto, sem sal, sem cor. Que bom te reencontrar, Gêmea da Gema; já havia deslebrado o quanto era bom usar-te de substituta nas tarefas sociais. Sempre fui tão canhestra, covarde, embaraçada, e tu sempre tão atrevida, alegre, irreverente! Que bom poder contar contigo...

Um pouco à esquerda, sentada em uma cadeira de balanço, tricotando com infinitas linhas, em uma velocidade e atenção estonteantes, estava Flora. O encontro com a fiandeira foi um bom presente para Luzia.

“Filha, querida, que bom te ver por aqui..”

Por que teces, Dona Flora?

“O fio não nasce pra ser só. Ele nasce para se emaranhar em outros fios, pra se enroscar em cores vivas. Alguns nascem pra servir de abrigo a corpos trêmulos no inverno; outros vem pra cobrir um sonho bom... Eu teço pra ajudar esses fios a cumprirem seu destino – e eles me ajudam a realizar o meu. Falando em

destino, tenho alguns fios que foram destinados a ti, jovem. Teci este manto de retalhos enquanto desmemoriaste; leve contigo! Mas, lembre-se: ele estará contigo apenas por um tempo, nunca será de tua propriedade. Os mantos, assim como algumas galinhas, sonham em voar pr'almém dos nossos ombros.”

Agradeço muito pelo regalo, D. Flora! E sobre os retalhos, gostaria de perguntar, por que a senhora escolheu estas cores tão diferentes?

“Primeiro, pequena Luzia, não sou eu quem as escolho (eu é que sou escolhida por elas). Segundo, sobre as cores (e outras coisas), não devemos perguntar ou tentar explicar, apenas sentir.”

Entendo. Agradeço mais uma vez. Visto este manto com carinho e respeito por sua liberdade. Até mais ver, espero encontrar-te em breve, Dona Flora!

Não muito longe de Flora, estava Eslavíneo. O mais velho homem da família, viveu todos os acontecimentos importantes e inúteis da construção deste espaço familiar. Quando alguém desejava saber sobre antigas memórias (e não queria depender da aparição de Kairós), ia direto conversar com Senhor Eslavíneo.

Ele nunca responde. Fica em sua macieira, comendo maçãs maduras, ou trata de capinar o lote, massageando a terra com força, para que o suor de sua testa caia nas sementes e as umidifique de sabedoria.

Luzia não fez perguntas ao Eslavíneo. Apenas observou sua atividade junto à terra escura e macia. A admiração que a moça sentiu ao contemplar a cena foi tanta, que nem passou pelo julgamento do intelecto. Faltaram palavras. Faltaram emoções.

[O tanto que passou admirando o lavrador, deixou-a pensativa]

Concluiu que a Sabedoria algo tem a ver com a Terra e o com o Trabalho.

Luzia lembrou que ainda deveria se reconciliar com os outros familiares.

Foi escalando um Pau de Sebo que encontrou Tésio. Ó, jovem Tésio! Sempre encarando desafios impossíveis.

O que fazes neste pau ensebado, Tésio?

“Oh! Olá, querida Luzia! Não vêes o que estou enfrentando? Quero salvar aquele passarinho solitário e indefeso que pousa em cima

deste poste ensebado! Eu hei de conquistar o topo e salvá-lo! O tanto que sofro na subida, me será recompensado lá em cima! Enquanto isso, precisa de minha ajuda para algum desafio, companheira? Sabes que me preocupo com tuas conquistas.”

Ah! Tésio! Agradeço a disponibilidade e esforço, mas deixo-te livre para seguir teu caminho ensebado. Se aceitar meu atrevido conselho, acredite nas asas do passarinho! E vá descansar um pouco na sombra...

Luzia sentia boas conexões entre a comunidade; estavam aprendendo com suas diferenças, as personalidades eram especialmente únicas.

Mesmo com as lamparinas da memória acesas, Luzia não queria olhar de perto para as lembranças com Querubino. Ela deixou este encontro para o final, não por nada.

É singularmente difícil conviver com um ser tão esquisito. Sua cor verde-amarela-amarronzada, até burro foge de tão feia! O tal tem um olho só, e é vesgo e cego do mesmo único olho. Onde era pra ter o outro olho, Querubino tem uma espinha gigante, sempre prestes a explodir. O cabelo é oleoso e cheio de buracos, onde ele, de tanto coçar a caspa, ficou careca. As pernas são atrofiadas, ele

anda com os braços, arrastando-se no chão, espalhado como ramas de batata. Se não bastasse a feiura e repelência, Querubino não sabe somar 2 com 2, nem 1 com 1, nem sabe em que lado nasce o Sol, nem do que é feita a chuva. Não tem jeito de explicar como funcionam as coisas para o vivente. Como já lhe contei, até burro foge! O curioso da história, é que ele está sempre contente.

Olá, Querubino... Como vai?

“Muito bem! E tu?”

Tudo bem, também. Recuperei a memória. Pude recordar-me dos dias em que brincávamos, tu e eu, lá no pé de jabuticaba! Tu caíste esborrachado e ficou todo roxo de jabuticabas e hematomas! E lembro também, das vezes que senti vergonha em te apresentar para os meus amigos. Quero pedir-te perdão pelo desaforo de não te aceitar como és! E devo dizer-te que lhe guardo com muito carinho; sempre que me esborracho no chão, ou me entupo de jabuticabas, é um pouco de ti que vive em mim!

Querubino sorriu e abraçou Luzia desengonçadamente, bem como ela esperava.

Olhou em volta, observou entre as árvores da floresta.

Acho que já estou em paz com todos.

Luzia ainda não lembrava de uma pessoa muito especial – e pequena também.

Debaixo de sua saia, surgiu Esmeralda. Seus olhos verdes e brilhantes, como grandes sapos Kambô, miravam Luzia bem pra dentro de suas vergonhas, bem além de seus medos.

Doce, pequena, leve, ruiva. Os cachos vermelhos coçavam o narizinho, que mexia como quem vai espirrar. E espirrava! E soltava na gargalhada! E soltava um pum! E ruborizava... E largava risadas baixinhas envergonhadas.

Esmeralda é pura luz! Não conhece a sujeira e a maldade do mundo grande; mas vive lambuzada de lama e se diverte jogando estrume de vaca nos amigos.



“Luzia, dei um susto em você!  
Vamos brincar de jogar  
esterco?”

Esmeralda! É você, pequena? Nossa! Que belo susto me deste! Nunca imaginei reencontrá-la... Menos ainda debaixo da minha saia! Querida! Amada! Sim! Vamos brincar de esterco!!!! Pode correr, que logo vou te alcançar, sapeca!!!

Luzia e Esmeralda brincaram na *merda* (com o perdão do fedor da palavra) até o entardecer.

Luzia voltou a ser criança, com sabedoria de velha. Reconheceu suas fraquezas, exercitou o perdão; já sabe usar suas forças e valoriza as relações.

[Luzia respeita a autonomia de sua gente]

Assim, a comunidade encontra a *paz*.

Toda a patota se juntou em volta da fogueira de cedro-rosa<sup>xxi</sup>, deram-se as mãos e cerraram os olhos.

O Sol se pôs a dormir; no mesmo instante, a Lua Cheia acordou do outro lado do horizonte. Luzia deixou a roda na fogueira e saiu para assistir aos astros celestes. Lágrimas de amor e gratidão; por ter vivido tão bela e intensa experiência.

Ao cessar das graças, olhou em sua volta: o Fogo se apagou, e toda gente desapareceu. Perplexa, Luzia questionou sua sanidade; cogitou estar beirando à loucura. Cismou que o galo na testa fosse a causa deste suposto delírio tão tátil.

Onde está a pequena gente? Pr'onde partiram? Será que não são de carne e osso pele e pescoço? Será que endoideci? Alienação é o que me resta? Não pode ser... Não há de ser fruto de meus fingimentos; será que tenho tão hábeis artifícios, de forjar ficções e alucinações a fim de entorpecer meus próprios sentidos? Não. Não posso crer em tamanho poder, em tamanha tirania, autocracia! As pessoas que convivi tem nomes, tem cheiros, personalidades únicas, desejos e memórias. Seria muita presunção de minha parte julgar *Meus os Seus* nascimentos,

<sup>xxi</sup> *Cedreia odorata*, é o nome científico do Cedro Rosa, uma planta que está em extinção; é muito desejada pela sua alta qualidade e cheiro característico, doce cítrico, e gosto levemente amargo. Resiste aos insetos e é comumente encontrada em vales úmidos e profundos. O uso mais conhecido da madeira de cedro-rosa é na fabricação de caixas de charuto, mas também é muito empregada na construção leve, confecção de molduras, armários, móveis, painéis, caixas, construção de barcos (especialmente barcos de competição), canoas, instrumentos musicais, torneados, caixas de fósforos, utensílios domésticos, laminados e compensados.

conceber a *Mim* as *Suas* existências. Sou gente tão pequena quanto essas que conheci. Se não são eles gente de verdade, também eu não sou.

Penso que deva ser esta experiência, uma daquelas coisas que Dona Flora ensinou-me a não questionar ou tentar explicar.... Apenas sentir.

Ainda visto o manto de retalhos tecido por ela... Levo comigo as histórias que ouvi, as imagens que vi(vi). E lhe asseguro, não mais esquecerei, eu hei de transmitir essa experiência de mão em boca, colorindo o caminho com o manto - até que ele ajunte outros retalhos e crie asas, e voe LIVRE, pr'além dos meus ombros.





foi assim que esse boato chegou em meus ouvidos, aqui na Praça XV. Dizem que a garrafa com o manuscrito ainda mergulha em alguma *fundura maremota*. Ainda podemos sentir a presença de *Luzia e sua Tribo* quando percebemos com atenção [o cálcio de que são feitas] as *Constelações*; ou quando somos *Arqueólogos* nos desertos e nas profundezas do oceano, encontrando restos [rastros] de um tempo – com marcas de Sal[*dade*] – que constituem nossa conexão com as estrelas e nossa relação com a pequena gente.

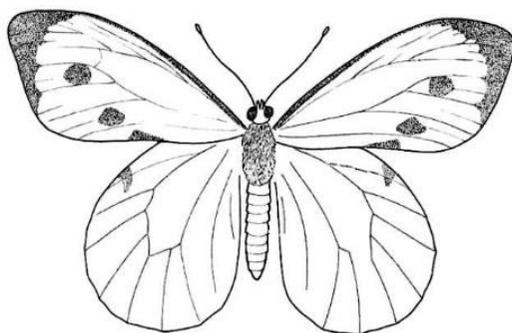
---

É tempo de lapidar o garimpo.

Luzia me ajudou a pensar o meu lugar como psicóloga. Ocupar um espaço de escuta ativa é, de certa forma, viver a experiência da ausência do tempo linear, onde o efeito não tem causa e a memória não tem hora registrada. Ser psicóloga é exercitar a escuta dos ritmos, dos estilos de fantasia, respeitar o desmemoriado. Na ausência do tempo, a memória é sempre inventada, a memória compõe, junto com os ossos e a pele, o corpo da pessoa humana. Aprendi, também, com a *metamorfose* de Luzia, que ser psicóloga é oferecer espaço para a pequena gente, ouvir o que a comunidade interna deseja comunicar, reivindicar, mostrar, matar.

A relação com as múltiplas pessoas que nos habitam é o que constitui o meu trabalho. Conseguir enxergar através da lente *metafórica* é o que faz de mim alguém do ramo da Psicologia. Ouvir a história de Luzia, e ter a oportunidade de escrevê-la, fez-me compreender o limite da psicologia, o que tange o impossível: a psicologia não estuda a realidade; ela trabalha com imagens, contempla a fantasia, faz a *psique* acontecer.

Esta é a *Metaformosis*: a metáfora da metamorfose, a forma metafórica de enxergar. É tempo de quebrar a casca cristalizada, para que se forjem novas tramas d'alma.



## Referências Bibliográficas

AGAMBEN, G. *Tempo e história: crítica do instante e do contínuo* IN: Infância e História: Destruição da experiência e origem da história. Nova Edição Aumentada. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005, p.111-128.

Associação Brasileira do Trauma – site: traumatemcura.com.br. Visitado em dezembro de 2015.

Blog do Billy Bode – Extraordinária história de Ariri Pistola, disponível em: <http://billybode.blogspot.com.br/2009/08/extraordinaria-historia-de-ariri.html>. Visitado em dezembro de 2015.

BRANDÃO, J.S. Mitologia Grega. Vol I. Petrópolis, Vozes, 2004.

FILHO, João Bernardes da Rocha. Física e Psicologia : aproximando a física e a psicologia Junguiana. 5ª edição. Porto Alegre: Edipucrs, 2014, p.88-106.

FRANCO, Sérgio da Costa. Guia Histórico de Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS) /Prefeitura Municipal, 1988.

GONDAR, J. A multiplicidade de tempos na metapsicologia. In Katz, C.S. (organizador). Temporalidade e Psicanálise. Petrópolis: Vozes, 1996, p.67-87.

HILLMAN, James. Re-Vendo a Psicologia. Rio de Janeiro: Vozes, 2010, p.15-267.

JUNG, C.G. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, C.G. Psicologia do inconsciente. Petrópolis, Vozes, 1984.

JUNG, C.G. Tipos Psicológicos. Rio de Janeiro: Vozes, 1991, p.349-351.

SANTOS, K. Experiências Do Tempo: Reflexões Sobre Tempo E Alma. Curitiba, 2010, p.13-25.

ULSON, G. A vivência do Tempo na Terapia. Cadernos Junguianos n° 4, 2008, p.10.

VERGER, P. F. Lendas Africanas dos Orixás, São Paulo: Corrupio, 1997.

---

---